

ILU

CTIO

PANDA BOOKS

LA

PANDA BOOKS

josé de
alencar

ILU

CTIO

PANDA BOOKS

LLA

textos informativos:
fátima mesquita

UM PERFIL DE MULHER



© Panda Books

Direção editorial

Marcelo Duarte

Patth Pachas

Tatiana Fulas

Gerente editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais

Henrique Torres

Lais Cerullo

Samantha Culceag

Projeto gráfico e capa

Casa Rex

Diagramação e pesquisa
iconográfica

Daniel Argento

Notas

Fátima Mesquita

Estabelecimento de texto

Ronald Polito

Edição das notas

Mayara Freitas

Revisão

Mayara Freitas

Gabriel Provinzano

Ronald Polito

Fotos

P. 28: © Rafael Castro Y Ordoñez/Biblioteca

Nacional; p. 31: © presente de dr. Henry R.

Rado, miss Margaret H. Rado e dr. Alfred

Rado/Product Design and Decorative Arts

Department/Cooper Hewitt, Smithsonian

Design Museum; p. 43: O último tîlburi, 1928 ©

Gustavo Dall'ara/Acervo Museu da República/

Instituto Brasileiro de Museus/Ministério da

Cultura; p. 57: © Purchase, Joseph Pulitzer

Bequest, 1940/The Metropolitan Museum

of Art; p. 60: © Rafael Sanzio/Stanza della

Segnatura/Stanze di Raffaello/Musei Vaticani;

p. 61: © Science Museum/Wellcome Collection/

CC BY-SA 4.0; p. 65: © Vectorpocket/Freepik;

p. 92: © Falk Benjamin J./Wallach Division

Picture Collection/The New York Public Library.

Impressão

Loyola

Este livro foi estabelecido com base na terceira edição revista pelo autor, de 1872, publicada por B. L. Garnier, Rio de Janeiro; e na edição, de 1862, publicada pela Typ. Franceza de Frederico Arfvedson, Rio de Janeiro.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A353L

Alencar, José de, 1829-1877

Lucíola: um perfil de mulher / José de Alencar; textos informativos Fátima Mesquita. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2023. 200 p.; 23 cm.

ISBN 978-65-5697-274-9

1. Romance brasileiro. I. Mesquita, Fátima. II. Título.

23-84679

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Bibliotecária: Meri Gleice Rodrigues de Souza – CRB-7/6439



2023

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

RAPAZ DAS ALTAS

José Martiniano de Alencar era cearense, nasceu em 1^a de maio de 1829, era filho de um senador do Império e logo seguiu a vida do pai na política, se elegendo por quatro vezes deputado pelo Ceará e ainda chegando a ser ministro da justiça e senador. Ele cresceu vendo de perto o dia a dia do sertanejo, do matuto cearense, e observando a natureza, e isso, com certeza, está presente em muitos dos seus livros.

Alencar estudou direito (parte em Olinda e parte em São Paulo) e trabalhou como jornalista, poeta, romancista, crítico

e ensaísta. Aliás, ele começou a publicar os primeiros escritos quando era ainda estudante. Quando se formou, o escritor mudou de mala e cuia pro Rio, onde ficou até morrer em 1877 de tuberculose (que ele tinha desde criança), aos 48 anos de idade, depois de uma temporada na Europa pra um tratamento que não deu muitos resultados.

Como quase sempre acontecia antigamente, os primeiros trabalhos de Alencar saíram em capítulos. Eram os chamados folhetins, publicados aos pouquinhos, em jornais, com o povo comprando para seguir o enredo, como hoje em dia a galera acompanha novelas e seriados. Foi assim com *Cinco minutos* (1856) e *A viúvinha* (1857), por exemplo. Se bem que a fama desse cearense veio mesmo com *O guarani*, que saiu em 1857.

ESTILO BEM BRASIL

Boa parte dos livros de José de Alencar explora o Brasil, a ideia do que é ser brasileiro, da identidade nacional, do que nos diferencia do europeu, do português. Foi assim quando ele enveredou pelos temas históricos, falando da busca pelo ouro ou das batalhas pela expansão territorial em obras cheias de patriotismo como *As minas de prata*, *Alfarrábios* e *A guerra dos mascates*. Coisa semelhante a gente também nota nos seus livros de temas indianistas, como *O guarani*, *Ubirajara* e *Iracema*, ou quando ele foi mais pro lado regionalista com *O gaúcho*, *O tronco do ipê*, *Til* e *O sertanejo*. Nesses romances, José de Alencar leva o leitor a áreas do Brasil afastadas da influência europeia que era evidente no Rio de Janeiro, mostrando, de repente, os pampas, o interior de São Paulo ou o homem do sertão do Nordeste.

Até mesmo quando Alencar explorou a vida urbana foi de um jeito diferente. Debaixo das tramas de amor, cheias de segredinhos e muito suspense, aos poucos, o leitor vai encontrando críticas à hipocrisia e à desigualdade social, que eram comuns na época do chamado Segundo Reinado no Rio. Isso a gente vê muito claramente em trabalhos como *Senhora* (que é o mais importante deles), este nosso *Lucíola*, *Cinco minutos*, *A viúvinha*, *Diva*, *A pata da gazela*, *Sonhos d'ouro* e *Encarnação*.

Aliás, por ter sido mesmo o primeirão a mostrar o Brasil, a falar do Brasil e dos brasileiros, da tal da identidade nacional em seus livros, José de Alencar é considerado o pai da literatura nacionalista brasileira, usando e abusando de um vocabulário e de um jeito de construir as frases que era diferente, que passava mesmo longe do português usado até então nos livros. Ah, e ele é considerado também o maior escritor do Romantismo do nosso país.

SEXO, DRAMA E VAI-QUE-EU-NÃO-VOU

Um rapaz pernambucano se forma em direito em 1855 e pica a mula para a cidade do Rio de Janeiro, que era a capital do país e o lugar onde tudo acontecia. O cara – Paulo – mal coloca o pé por lá e tem um encontro bem chinfrim com uma moça, que é a Lucíola do título. Pois não é que bastou aquele encontro fuleiro de tudo para ele se apaixonar sem nem saber necas de pitibiriba dela?

Dali um tempo, Paulo descobre que ela é uma prostituta fina e mal acredita nisso, porque havia feito praticamente uma série da Netflix na cabeça, idealizando a moça como uma donzela pura, quase uma santa que mal pisava no chão. Então, a relação deles avança num maremoto constante de enganos, sempre sem sossego. Eles transam, brigam, se amam, ficam afastados uns parágrafos, voltam... Tudo complicado até demais. Mas aos poucos o novelo vai se desvelando, e a gente vê que tem um segredo no meio do caminho. E é nessa altura, minha gente, que a curiosidade faz eu, você, todo mundo se agarrar às páginas: como é que ele vai resolver esse vai-não-vai do casal?

Não vou dar *spoiler* aqui sobre como o enrosco se desenrosca, certo? Só vou mesmo é contar sobre o babado forte que se instaurou quando José de Alencar lançou este livro em 1862, porque, apesar de toda a nata da sociedade de então conviver com as prostitutas de luxo, com os homens tendo casos com elas e as senhoras mães ou esposas fingindo que não viam nada, colocar aquilo no papel funcionou como um choque de chuva com fio desencapado em muita gente, que resolveu torcer o nariz para *Lucíola* e para o autor.

Além disso, teve quem apontasse o dedo acusador para a obra e o autor porque eles acharam que era tudo muito parecido com o livro *A dama das camélias*, escrito em 1848 pelo francês Alexandre Dumas – o filho, porque o pai de mesmo nome escreveu foi *Os três mosqueteiros* e outros hits.

De um jeito ou de outro, vale demais conferir como essa mulher independente e sensual do século XIX era vista pela elitezinha brasileira, comparar isso com os nossos dias de hoje e entender melhor o tanto que a nossa sociedade caminhou e o tanto que ainda falta caminhar. Além disso, sua leitura vai ficar uma sopinha no mel, bem mais tranqüilax e fácil com o monte de textinho com **explicações e links** que a gente inseriu nesta edição. Então aproveite mesmo essa possibilidade fantástica de olhar para a Lúcia e para o Paulo com os olhos do nosso tempo, e pule de cabeça também no interessante exercício de tentar se colocar na pele do José de Alencar se atrevendo a falar disso tudo num livro naquela época e naquele lugar. Vá fundo! Eu acho que você vai gostar...

Fátima Mesquita

f Fotos para contextualizar a cena.

g Sugestões de pesquisa na internet.

t Comentários curtos e curiosidades.

YouTube Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

SUMÁRIO

AO AUTOR	11
I	13
II	15
III	22
IV	30
V	38
VI	47
VII	55
VIII	64
IX	71
X	80
XI	89
XII	99
XIII	106
XIV	115
XV	124
XVI	132
XVII	141
XVIII	151
XIX	160
XX	171
XXI	180

PANDA BOOKS

AO AUTOR

Reuni as suas cartas e fiz um livro.

Eis o destino que lhes dou: quanto ao título, não me foi difícil achar.

O nome da moça, cujo perfil o senhor desenhou com tanto esmero, lembrou-me o nome de um inseto.

Luciola é o **lampiro** noturno que brilha de uma luz tão viva no seio da treva e à beira dos charcos. Não será a imagem verdadeira da mulher que no abismo da perdição conserva a pureza d'alma?

Deixe que raivem os moralistas.

A sua história não tem pretensões a **vestal**. É musa cristã: vai trilhando o pó com os olhos no céu. Podem as **urzes** do caminho dilacerar-lhe a roupagem: veste-a a virtude.

Demais, se o livro cair nas mãos de alguma das poucas mulheres que leem neste país, ela verá estátuas e quadros de mitologia, a que não falta nem o véu da graça, nem a folha de figueira, símbolos de pudor no Olimpo e no Paraíso terrestre.

Novembro de 1861.

E *Luciola lusitanica* é um vaga-lume (pirilampo) da família Lampyridae bem comum em Portugal. Mas o nome também é diminutivo de Lúcia.

E Lampiro, derivado do latim Lampyridae, é vaga-lume.

E As vestais (sacerdotisas da deusa Vesta na Roma Antiga) faziam voto de castidade e viraram sinónimo de mulher pura, virgem.

E Urze é um nome geral para várias flores pequenas e bonitas, bem comuns nos campos portugueses.

G. M.

O autor resolveu escrever este livro aqui como se fosse baseado em uma série de cartas nas quais o narrador-personagem, Paulo, conta os trechos de sua relação com Lúcia a uma tal senhora G. M.

PANDA BOOKS

I

A senhora estranhou, na última vez que estivemos juntos, a minha excessiva **indulgência** pelas criaturas infelizes, que escandalizam a sociedade com a ostentação do seu luxo e extravagâncias.

Quis responder-lhe imediatamente, tanto é o apreço em que tenho o tato sutil e esquisito da mulher superior para julgar de uma questão de sentimento. Não o fiz, porque vi sentada no sofá, do outro lado do salão, sua neta, gentil menina de dezesseis anos, flor cândida e suave, que mal desabrocha à sombra materna. Embora não pudesse ouvir-nos, a minha história seria uma **profanação** na atmosfera que ela purificava com os perfumes da sua inocência; e – quem sabe? – talvez por **ignota** repercussão o melindre de seu pudor se **arrufasse** unicamente com os palpites de emoções que iam acordar em minha alma.

Receei também que a palavra viva, rápida e impressionável não pudesse, como a **pena**

Indulgência: tolerância, condescendência.

E Profanação é o ato de macular ou desrespeitar algo importante.

Ignoto: incógnito, desconhecido.

Arrufar: irritar, aborrecer.

Antigamente não havia a caneta de hoje, então, o jeito era usar uma pena de ave, cuja ponta era molhada em um pote de tinta para fazer as letras no papel. Depois, a coisa evoluiu para um instrumento de metal que simulava a pena. Mas, mesmo no nosso tempo, ainda há quem use a palavra pena como sinônimo para escrita.

Perscrutar: sondar,
investigar.

E Traduzindo: delicada (tênue) gaze (gaza).

Diáfano: transparente,
translúcido.

Vexar: encabular,
envergonhar.

Imolar: abdicar,
sacrificar.

Nos desenhos com grafite ou carvão, às vezes o pessoal gosta de dar uma embaçada no traço – isso é esfumar. Tem até uma ferramenta para conseguir esse efeito, o esfuminho, que é basicamente um papel enrolado bem forte em forma de lápis. A ponta dele é esfregada no desenho, desfocando as linhas e criando um efeito de transição suave ou sombreado.

Debuxar: desenhar,
esboçar.

calma e refletida, **perscrutar** os mistérios que desejava desvendar-lhe, sem romper alguns fios da **tênue gaze** com que a fina educação envolve certas ideias, como envolve a moda em rendas e tecidos **diáfanos** os mais sedutores encantos da mulher. Vê-se tudo; mas furta-se aos olhos a indecente nudez.

Calando-me naquela ocasião, prometi dar-lhe a razão que a senhora exigia; e cumpro o meu propósito mais cedo do que pensava. Trouxe no desejo de agradar-lhe a inspiração; e achei voltando a insônia de recordações que despertara a nossa conversa. Escrevi as páginas que lhe envio, às quais a senhora dará um título e o destino que merecerem. É um *perfil de mulher* apenas esboçado.

Desculpe, se alguma vez a fizer corar sob os seus cabelos brancos, pura e santa coroa de uma virtude que eu respeito. O rubor **vexa** em face de um homem; mas em face do papel, muda e impassível testemunha, ele deve ser para aquelas que já **imolaram** à velhice os últimos desejos, uma como essência de gozos extintos, ou extremo perfume que deixa nos espinhos a desfolha das rosas.

De resto, a senhora sabe que não é possível pintar sem que a luz projete claros e escuros. As sombras do meu quadro, se **esfumam** traços carregados, contrastam **debuxando** o relevo e colorido de límpidos contornos.

II

Festa em homenagem à Nossa Senhora da Glória do Outeiro que os católicos fazem até hoje no mês de agosto, na igreja de mesmo nome, lá no Outeiro da Glória, no Rio de Janeiro.

A primeira vez que vim ao Rio de Janeiro foi em 1855.

Poucos dias depois da minha chegada, um amigo e companheiro de infância, o dr. Sá, levou-me à **festa da Glória**; uma das poucas festas populares da corte. Conforme o costume, a grande romaria desfilando pela rua da Lapa e ao longo do cais, serpejava nas **faldas do outeiro**, e apinhava-se em torno da poética **ermida**, cujo **âmbito** regurgitava com a multidão do povo.

Era **ave-maria**, quando chegamos ao **adro**; e perdida a esperança de romper a **mole** de gente que murava cada uma das portas da igreja, nos resignamos a gozar da fresca **viração** que vinha do mar, contemplando o delicioso panorama da baía e admirando ou criticando as devotas que também tinham chegado tarde e pareciam satisfeitas com a exibição de seus adornos.

Enquanto Sá era disputado pelos numerosos amigos e conhecidos, gozava eu da minha tranquila e independente obscuridade, sentado comodamente sobre a pequena mura-

E Ou seja, **sopê** (fal-das) do morro (outeiro).

Ermida: capela, igreja pequena.

Âmbito: interior, recinto.

E Adro é o espaço ao redor de uma igreja, principalmente na frente e dos lados.

Mole: aglomeração, grande quantidade.

E Viração é uma brisa que vem do mar.

E Provinciano era quem saía do interior para a capital do Brasil, que era, então, a cidade do Rio de Janeiro.

Matiz: tom, nuance.

A casimira (ou lã de caxemira) é um tecido delicado e caro, que ficou mais comum no Brasil após a chegada da família real, em 1808. Seu nome veio do animal de que se tirava a lã, a cabra-da-caxemira.

Já a baeta era um tecido mais do povo, feito de lã ou algodão. Muitas mulheres a usavam na cabeça – às vezes para cobrir o rosto e esconder as marcas da pobreza ou da varíola, uma doença comum na época. Em 1810, chegaram até a proibir seu uso, mas a mulherada nem ligou e continuou usando.

Acre: amargo, desagradável.

Esperdiçar: desperdiçar, desaproveitar.

8 Olinda é uma importante cidade de Pernambuco e recebeu a primeira faculdade de direito do Brasil.

Prodigalidade: esbanjamento, extravagância.

Assomar: surgir, aparecer.

Cimo: alto, topo.

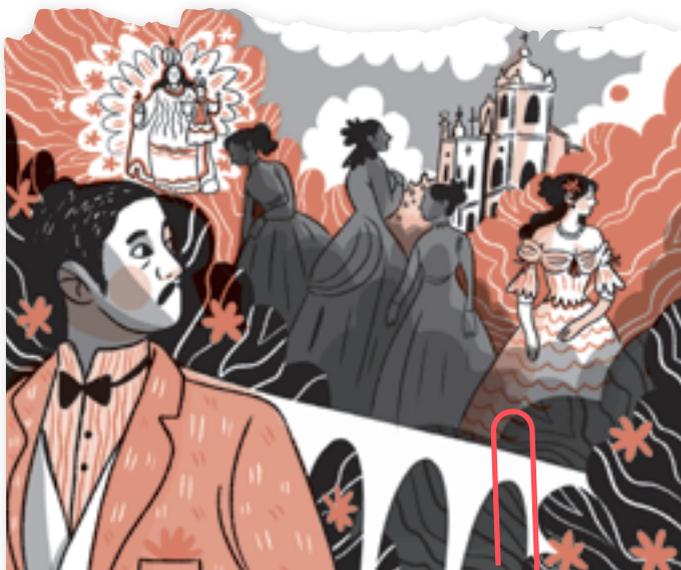
Talhe: forma, aspecto.

lha, e resolvido a estabelecer ali o meu observatório. Para um **provinciano** recém-chegado à corte, que melhor festa do que ver passar-lhe pelos olhos, à doce luz da tarde, uma parte da população desta grande cidade, com os seus vários **matizes** e infinitas gradações?

Todas as raças, desde o caucasiano sem mescla até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna ou do talento até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo; finalmente, todos os tipos grotescos da sociedade brasileira, desde a arrogante nulidade até a vil lisonja, desfilaram em face de mim, roçando a seda e a **casimira** pela **baeta** ou pelo algodão, misturando os perfumes delicados às impuras exalações, o fumo aromático do Havana às **acres** baforadas do cigarro de palha.

É uma festa filosófica essa festa da Glória! Aprendi mais naquela meia hora de observação do que nos cinco anos que acabava de **esperdiçar** em **Olinda** com uma **prodigalidade** verdadeiramente brasileira.

A lua vinha **assomando** pelo **cimo** das montanhas fronteiras; e descobri nessa ocasião, a alguns passos de mim, uma linda moça, que parara um instante para contemplar no horizonte as nuvens brancas esgarçadas sobre o céu azul e estrelado. Admirei-lhe do primeiro olhar um **talhe** esbelto e de



suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com **orlas** de veludo castanho, e dava **esquisito** realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada. **Resumbrava** na sua muda contemplação doce **melancolia**, e não sei que **laivos** de tão ingênua castidade, que o meu olhar repositou calmo e sereno na mimosa aparição.

– Já vi esta moça! disse comigo. Mas onde?...

Ela pouco demorou-se na sua graciosa imobilidade, e continuou lentamente o passeio interrompido. Meu companheiro cumprimentou-a com um gesto familiar; eu, com respeitosa cortesia, que me foi retribuída por uma imperceptível inclinação da frente.

– Quem é esta senhora? perguntei a Sá.

A resposta foi o sorriso **inexprimível**, mistura de sarcasmo, de **bonomia e fatuidade**, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, **profano** na difícil ciência das banalidades sociais.

– Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Querres conhecê-la?...

Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana, que confundira a máscara **hipócrita do vício** com o modesto recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido, ou de um irmão, devia-me ter feito suspeitar a verdade.

Depois de algumas voltas descobrimos ao longe a ondulação do seu vestido, e fomos encontrá-la, retirada a um canto, distribuindo algumas pequenas moedas de prata à multidão de pobres que a cercava. Voltou-se confusa ouvindo Sá pronunciar o seu nome:

– Lúcia!

– Não há modos de livrar-se uma pessoa desta gente! São de uma **impertinência**! disse ela mostrando os pobres e esquivando-se aos seus agradecimentos.

Feita a apresentação no tom **desdenhoso e altivo** com que um moço distinto se dirige a essas **sultanas** do ouro, e trocadas algumas palavras triviais, meu amigo perguntou-lhe:

Orla: arremate, debruado.

E Aqui, “esquisito” quer dizer “requintado”.

Ressumbrar: revelar, transparecer.

Melancolia: tristeza, infelicidade.

Laivo: sinal, traço.

Inexprimível: indefinível, inexpressável.

E Ou seja, bondade (bonomia) e presunção (fatuidade).

E “Profano”, aqui, quer dizer “quem não está por dentro das coisas”.

E Traduzindo: fingida (hipócrita) do pecado (vício).

Impertinência: insolência, inconveniência.

E Traduzindo: indiferente (desdenhoso) e arrogante (altivo).

E Sultana é como se chama a concubina do sultão.

- Vieste só?
 - Em corpo e alma.
 - E não tens companhia para a volta?
- Ela fez um gesto negativo.
- Neste caso ofereço-te a minha, ou antes a nossa.
 - Em qualquer outra ocasião aceitaria com muito prazer; mas hoje não posso.
 - Já vejo que não foste franca!
 - Não acredita?... Se eu viesse por passeio!
 - E qual é o outro motivo que te pode trazer à festa da Glória?
 - A senhora veio talvez por devoção? disse eu.
 - A Lúcia devota!... Bem se vê que a não conheces.
 - Um dia no ano não é muito! respondeu ela sorrindo.
 - É sempre alguma **cousa**, repliquei.
- Sá insistiu:
- Deixa-te disso; vem conosco.
 - O senhor sabe que não é preciso **rogar**-me quando se trata de me divertir. Amanhã, qualquer dia, estou pronta. Esta noite, não!
 - Decididamente há alguém que te espera.
 - Ora! Faço mistério disto?
 - Não é teu costume decerto.
 - Portanto tenho o direito de ser acreditada. As aparências enganam tantas vezes! Não é verdade? disse voltando-se para mim com um sorriso.

Não me lembra o que lhe respondi: alguma palavra que nada exprimia, dessas que se pronunciam às vezes para ter o ar de dizer alguma coisa. Quanto a Lúcia, fazendo-nos um ligeiro aceno com o leque, aproveitou uma **aberta** da multidão e penetrou no interior da igreja, em risco de ser esmagada pelo povo.

Não preciso dizer-lhe, pois adivinha, que acabava de fazer uma triste figura. Não sou tímido; ao contrário peço por desembaraçado. Mas nessa ocasião diversas circunstâncias

Cousa: coisa.

Rogar: implorar, suplicar.



Aberta: abertura.

me tiravam do meu natural. A expressão cândida do rosto e a graciosa modéstia do gesto, ainda mesmo quando os lábios dessa mulher revelavam a **cortesã** franca e **impudente**; o contraste inexplicável da palavra e da fisionomia, junto à vaga **reminiscência** do meu espírito, me preocupavam sem querer. Atribuo a isto ter eu apenas balbuciado algumas palavras durante a conversa, e haver cortejado respeitosa-mente a *senhora*, que apesar de tudo ainda me aparecia nesta mulher, mal a voz lhe expirava nos lábios; porque então o desdém que vertia de sua frase **volúbil** passava, e o semblante em repouso tomava uns ares de meiga distinção.

A festa continuou, e fomos acabá-la em uma alegre reunião, onde se dançou e brincou até duas horas da noite.

Quando apaguei a minha **vela** ao deitar-me, na **dúbia** visão que oscila entre o sono e a vigília, foi que desenhou-se no meu espírito em viva cor a reminiscência, que despertara em mim o encontro de Lúcia. Lembrei-me então perfeitamente quando e como a vira a primeira vez.

Fora no dia da minha chegada. Jantara com um companheiro de viagem, e **ávidos** ambos de conhecer a corte, saímos de braço dado a percorrer a cidade. Íamos, se não me engano, pela **rua das Mangueiras**, quando, voltando-nos, vimos um **carro** elegante que levavam a **trote** largo **dous** fogosos cava-



E Cortesã é uma prostituta que só atende gente endinheirada.

Impudente: descarado, despudorado.

Reminiscência: memória, lembrança.

Volúbil: volúvel, inconstante.

Só no comecinho do século XX a electricidade se estabeleceu no Rio de Janeiro. Antes disso, o jeito era usar vela mesmo. Em 1851, no entanto, o Barão de Mauá começou a implantar gás encanado para iluminar a cidade. Seis anos mais tarde já existiam 3.027 lâmpadas clareando as ruas, além de 3.200 casas e três teatros com esse luxo.

Dúbio: impreciso, indefinido.

Ávido: desejoso, ansioso.

8 Antiga rua do centro do Rio de Janeiro. Hoje se chama rua Visconde de Maranguape.

Carro: carruagem.

E Se o cavalo está em marcha lenta, ele dá passos. Se está na correria, está a galope. E se está em ritmo médio, está trotando.

Dous: dois.

E A carruagem estava com a capota (cobertura) rebaixada (derreada), como nos carros conversíveis.

Escarlate: vermelho.

Saturado: cheio, farto.

E Tolda é a parte que vai do maior mastro até o fim do navio, a popa.

E Os barcos a vapor chegaram no comecinho dos anos 1800. Eram mais rápidos que as embarcações movidas pelos ventos, mas muito barulhentos.

E Enxárcias são os cabos que mantêm os mastros do barco em seus devidos lugares.

No Rio de Janeiro daquela época, a coisa mais parecida com transporte coletivo eram as diligências e as gôndolas. A diligência tinha uma porta na lateral e um banco de cada lado, um de frente para o outro. Já na gôndola, a porta era atrás e os bancos, mais compridos, também ficavam um de frente para o outro. Os passageiros viajavam de costas para as janelas e era possível ir sentado perto do motorista, ou mais acima, já praticamente com o bumbum apoiado no capô. Do lado de fora só ia homem; mulher tinha que ir sentada lá dentro, onde cabiam nove pessoas.

los. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofado, e deixava pender pela **cobertura derreada** do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas **escarlates**. Havia nessa atitude cheia de abandono muita graça; mas graça simples, correta e harmoniosa; não desgarrado com ares altivos decididos, que afetam certas mulheres à moda.

No momento em que passava o carro diante de nós, vendo o perfil suave e delicado que iluminava a aurora de um sorriso raiando apenas no lábio mimoso, e a fronte límpida que à sombra dos cabelos negros brilhava de viço e juventude, não me pude conter de admiração.

Acabava de desembarcar; durante dez dias de viagem tinha-me **saturado** da poesia do mar, que vive de espuma, de nuvens e de estrelas; povoara a solidão profunda do oceano, naquelas compridas noites veladas ao relento, de sonhos dourados e risonhas esperanças; sentia enfim a sede da vida em flor que desabrocha aos toques de uma imaginação de vinte anos, sob o céu azul da corte.

Recebi pois essa primeira impressão com verdadeiro entusiasmo; e a minha voz habituada às fortes vibrações nas conversas à **tolda** do **vapor**, quando zunia pelas **enxárcias** a fresca viração; minha voz excedeu-se:

– Que linda menina! exclamei para meu companheiro, que também admirava. Como deve ser pura a alma que mora naquele rosto mimoso!

Um embaraço imprevisto, causado por duas **gôndolas**, tinha feito parar o carro. A moça ouvia-me; voltou ligeiramente a cabeça para olhar-me, e sorriu. Qual é a mulher bonita que não sorri a um elogio espontâneo e a um grito ingênuo de admiração? Se não sorri nos lábios, sorri no coração.

Durante que se desimpedia o caminho, tínhamos parado para melhor admirá-la; e então ainda mais notei a serenidade de seu olhar que nos procurava com ingênua curiosidade,

sem provocação e sem vaidade. O carro partiu; porém tão de repente e com tal ímpeto dos cavalos por algum tempo **sofreados**, que a moça assustou-se e deixou cair o leque. Apressei-me, e tive o prazer de o restituir inteiro.

Na ocasião de entregar o leque apertei-lhe a ponta dos dedos presos na luva de **pelica**. Bem vê que tive razão assegurando-lhe que não sou tímido. A minha **afouteza** a fez corar; agradeceu-me com um segundo sorriso e uma ligeira inclinação da cabeça; mas o sorriso desta vez foi tão melancólico, que me fez dizer ao meu companheiro:

– Esta moça não é feliz!

– Não sei; mas o homem a quem ela amar deve ser bem feliz!

Nunca lhe **sucedeu**, passeando em nossos campos, admirar alguma das brilhantes parasitas que pendem dos ramos das árvores, abrindo ao sol a rubra **corola**? E quando ao colher a linda flor, em vez da suave fragrância que esperava, sentiu o cheiro repulsivo de **torpe** inseto que nela dormiu, não a atirou com desprezo para longe de si?

É o que se passava em mim quando essas primeiras recordações roçaram a face da Lúcia, que eu encontrara na Glória. **Voltei-me no leito** para fugir à sua imagem, e dormi.

Sofreado: retido, reprimido.

E Pelica é o couro bem fino e branco, de cabrito ou de carneiro.

Afouteza: afoiteza, atrevimento.

Suceder: ocorrer, acontecer.

E Corola é o conjunto de pétalas de uma flor.

Torpe: nojento, asqueroso.

E Traduzindo: virei-me (voltei-me) na cama (leito).